

REDACTOR-PRINCIPAL
ANTONIO SOUSA AGOSTINHO JUNIOR
EDITOR
MARIO BRANCO
COMPOSTO E IMPRESSO NA
REGIONAL EDITORA L.^a - FARO

ADMINISTRADOR
MARIO RIBEIRO BENTO
REDACÇÃO E ADMINSTRACÇÃO
TRAVESSA DA MISERICORDIA
PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR DE
«A IDEIA REPUBLICANA»

A IDEIA REPUBLICANA

SEMANARIO

Directores: DRS. JOÃO DA SILVA NOBRE E CONSTANTINO DE BIVAR CUMANO



Direito á vida

Todo o cidadão duma democracia tem o direito sagrado de viver. E ao Estado cumpre respeitar absolutamente esse direito e garantir seguramente as condições de vida, entendendo por condições de vida não só aquelas de que depende a existencia, mas também aquelas que a fazem gozosa.

Assim o Estado deve procurar que todo o individuo possa usufruir o máximo de conforto ou, pelo menos, aquêle que a sua educação lhe tornou indispensavel. E como, por outro lado, o interesse colectivo cria a necessidade de elevar todos os individuos a um grau de cultura superior, o Estado ha de tender a nivelar as condições de vida, por maneira a colocar ao alcance de todos, igualmente, os gosos e beneficios do progresso,

Numa Democracia nenhuma lei impede, seja quem fôr, de gozar todo o conforto. Mas há muitos individuos que, de facto, estão impedidos de satisfazer as mais necessárias aspirações da sua educação, por mais rudimentar que seja, e muitissimos que até quasi não podem realizar a própria existencia física.

A principal causa da emigração deve ser o que fica dito e não a procura duma illusoria riqueza. Porque todo o animal prefere o meio onde mais facilmente vive e o homem neste ponto distingue-se dos outros animais apenas no facto da vida, para elle não ser precisamente a mesma coisa.

El isto é mais uma razão para o fatal nivelamento das «condições de vida», que em Portugal tem de começar a fazer-se gradualmente—como se começou já em quasi todos os países—se não quizermos deparar-nos mais, nem correr o perigo da sua brusca imposição.

Como se ha-de começar? Melhorando, sem arriscados sobressaltos, a situação das classes menos protegidas, pagando o trabalho com o necessário para a vida actual, tornando mais efectiva e humana a assistência no desemprego, na doença, na velhice e fornecendo a todos, sob clausulas inteligentes, a possibilidade de desenvolverem utilmente a sua actividade, por maneira a facilitar a realização de todas as ambições honestas.

Isto daria ao país o progresso economico de que elle necessita, para não continuar parecendo uma boa quinta inexploorada, uma especie de terra de ninguém.

E só depois disto começará de facto a existir o sagrado direito de viver—direito basilar das modernas Democracias.

AQUI PARA NÓS

Contra-revolucionarios

Um jovem escritôr que ainda ha poucos dias deixou os calções, não é, felizmente, democrata.

Assim o afirma, num livro recente, com muitissimas palavras.

Achamos inteiramente desnecessária a afirmação, porque toda a gente sabe que a Democracia é demasiadamente séria para dar confiança a garotos.

Opiniões

A propósito do caso da «Gazeta do Franco» alguns jornais francêses veem alvitando que sejam afastados de qualquer interferência na direcção política ou nos negocios do Estado, os homens de negocios.

Não concordamos. O problema, em nosso entender, tem uma mais facil e justa solução: E' meter na cadeia todo o que empregar o seu préstimo político em favorecer negocios particulares... tendo previamente o cuidado de multiplicar as cadeias.

A propósito...

Em Portugal os homens de negocios, principalmente os magnates, não são políticos. Arranjam na família quem o seja e... vá de encherem-se de oiro enquanto o sacrificado se cobre de lama,

Progresso

Uma senhora portugueza tirou há dias o brevet de aviadora.

Atordoou-nos tanto esta noticia, que não podemos deixar de lhe desejar uma queda única e fatal... nos braços leais dum bom marido.

Despido

A publicação, por D. Berta da Maia, de alguns depoimentos do famigerado «Dente de Oiro» fez que Nemo, perdendo a serenidade, despisse a farda de conselheiro e se mostrasse aquilo que é...

Nós nunca pudemos convencer-nos de que elle fosse um assassino, mas nunca o supuzemos assim... calçado de ferro...

A Maçonaria

O mesmíssimo cavalheiro está furo com os maçons... Acusam no? E' a Maçonaria. Há uma questão entre os accionistas dum banco? E' a Maçonaria...

Alma gangrenada de baixeza, sabe que os maçons são respeitaveis não só pelo mal que fazem mas ainda pelo bem que deixam de fazer—e odeia-os.

Respondendo

Pergunta-nos um leitor: «Posso entrar para o vosso grupo?»

Pode, se quer ser republicano e tiver a nobreza suficiente para só lembrar o passado com o fim de preparar um melhor futuro.

Modas...

Hoje muitas senhoras se pintam e alguns homens também.

De forma que, num futuro mais ou menos próximo, uma das obrigações das senhoras casadas será não saírem, sem previamente terem deixado em casa os maridos pintados...

Castigos severos...

Impossibilitado de pedir a fogueira da Inquisição, Nemo pede, para os seus adversários, castigos do governo.

Os adversários, em desforço, só desejavam que Nemo viesse ainda a ler juízo...

Que remorsos não teria Nemo, se viesse ainda a ter o juizo necessário para analisar os seus procedimentos?

Quem matou?

Pouco depois da tragédia de 19 de outubro, quentes ainda as cinzas dos mártires, agitou-se a questão:

—Tiveram mandantes os assassinos?

—Quem foram?

Sem a mínima consciencia das suas responsabilidades, infamemente, nojentamente, certa imprensa monárquica dessa época, explorou o caso com tanto acinte, que em muitas almas ingénuas ficou a suspeita injusta de que os principais responsáveis da noite trágica não tinham sido os presos: tinham sido uns vagos republicanos que a cumplicidade dos correligionários trazia à solta.

Essa suspeita não resiste à leitura do artigo que hoje transcrevemos do denodado colega «O Povo», artigo fundado numa publicação da nobilissima viuva do comandante Carlos da Maia, que, ajudada por seu cunhado, tem sido infatigavel na procura dos matadores de seu marido.

Para nós, os criminosos da noite sangrenta não foram monárquicos nem republicanos. Foram bandidos—e os bandidos não tem política. Se alguns andam ainda em liberdade—procurem-nos bem e prendam nos.

Mas não lhes atribuem política que elles foram e são apenas—bandidos.

Ridículos...

Vimos ha dias um casal interessante. Ela tinha as saias a roçarem na rótula e elle as calças a beijarem o chão.

Um velhote que observou o nosso pasmo comentou assim o caso: Quando as saias sobem tanto não queria vocemecê que as calças descessem?!

Homenagens...

A Mesa da Misericordia, formada na sua maioria por adversários políticos que muito consideramos—está demissionária.

Incansaveis no grangeio de fundos para socorrer os necessitados, os Mesários bem merecem de toda a cidade as provas de carinho e apreço que tem recebido.

«A Ideia Republicana», que tem o culto da justiça, presta-lhes aqui as suas sinceras homenagens e agradece-lhes todo o bem que, á custa de enormes sacrificios, elles conseguiram espalhar.

Opinião insuspeita...

O dr. Monteiro Simões, católico sincero e amigo dos melhores, supôz se atingido pelo eco que, com o mesmo titulo, publicámos no nosso último numero.

O dr. Monteiro Simões, que tem neste jornal amigos que muito o estimam e justamente o consideram—não tem razão.

Nós respeitando profundamente as crenças sinceras, temos também o culto da honestidade—e a honestidade do dr. Monteiro Simões está muito acima de qualquer suspeita.

Maias...

Sugestionados talvez pelas histórias medievas, como torneios em que o aço lampejava, os rapazinhos de hoje querem todos parecer fidalgos. Para isso iazem-se anti-democratas,

Dr. Magalhães Lima

Foi em Setembro a ultima vez que o visitamos.

...Estava doente, muito doente, mesmo aguardando a morte—diziam os seus amigos com profunda mágua...

Contudo, ao deixarmos o quarto da rua do Mundo, traziamos uma consoladora duvida sobre as previsões agoirentas. E' que Magalhães Lima, embora prostrado, conservava aquela energia que sempre lhe admiramos, aquêla luzidez que sempre nos encantou.

Por entre os seus lábios trémulos as palavras saíam luminosas como outrora. E eram ainda incitamentos vibrantes à luta continua pelo Bem, acarinhantes promessas de Justiça, hinos de fé num futuro lindo.

«Ainda hei de ir ao Algarve, fazer vibrar com a minha as boas almas dessa boa gente, campo fértil para a sementeira da Verdade» foram as últimas palavras que lhe ouvimos. E viria se a morte o não tivesse levado já, porque Magalhães Lima era um constante semeador das suas idéas um incansavel lutador pelos seus fins.

Aos seus ideais ele não consagrou apenas todos os instantes de uma longa vida. Fez mais:—deulhes a sua morte.

Quando seria natural a extinção daquele fogo santo que incendiava as multidões, quando se poderia supôr que o entusiasmo de Magalhães Lima tinha deixado de acalentir os lutadores da Democracia, quando, enfim, seria desculpavel a trégua—o seu testamento veio, como um clarim, arremessar as hostes cerradas do seu exército de discipulos para a guerra constante pela Paz, pela Liberdade, pela Bondade e pela Justiça.

El sobre a pedra fria dum mausoleu, por disposição sua, ha de existir sempre o fogo deste exemplo:—viveu e morreu republicano—forma de pôr o mármore a gritar azele arrebatado de Victor Hugo: «Morreu um republicano... Pois bem: Vivá a Republicana.»

tas, arranjam pose, escravizam-se á moda.

E por tal maneira conseguem impôr-se, que a gente, ao vê-los, fica logo na impressão de que foram talhados... para uma armadura.

Crenças

Nunca ofendemos as crenças de ninguém.

Nossa Mãe também rezava. Isto vem a propósito duma carta a um dos nossos directores, publicado na «Folha do Domingo», de hoje.

Gostariamos é que nos dissessem se a pessoa que subscreve aquêla carta será a mesma que telegrafou condoléncias ao «Gremio Luzitano» pela morte do Dr. Magalhães Lima.

Se fôr, diremos com a «Folha do Domingo»: E' muito para louvar e imitar o apurmo moral e a firmeza de convicções, que certas atitudes revelam.

EDUCAÇÃO E ENSINO

Não ensinem aos outros coisas que os não interessem e que não possam compreender

Vauvenargues

D. pois de termos concluido o artigo do numero passado, abrimos por mero acaso «La Peur de Vivre» de Henri Bordeaux e, na introdução deparou-se-nos esta passagem que vim reforçar consideravelmente a nossa opinião. Vamos traduzi-la com todo o rigôr de que formos capazes para que o trecho perca o menos possivel do seu valor:

«No terceiro canto do *Inferno* de Dante, o poeta, guiado por Vergilio, chega á porta da cidade das lágrimas.

Ainda bem não tinha franqueado esta porta, ouve subir até elle, do fundo do abismo, queixas, gemidos, gritos de desespero que se alastram sob um ceu que nenhuma estrela illumina. De que bôcas saem estes clamores que decerto estão próximos do Inferno mas que sem duvida não veem do Inferno?

Dante, perturbado, pede ao mestre (Vergilio) uma explicação: — Mestre, digo eu, o que é que eu ouço e que multidão é esta que parece tão abatida pela dor?

E elle então responde: *Esta é a sorte miseravel das tristes almas de todos aqueles que viveram sem repressão e sem louvor. As suas almas estão misturadas com esse mau coro dos anjos que não foram nem rebeldes nem feis a Deus, mas que viveram só para si próprios. Esses anjos, expulsou-os o ceu porque embaciaram a sua beleza, e o inferno profundo repele-os porque os culpados seriam capazes de tirar algum proveito da sua presença.*

Então eu perguntei ainda: *Mestre, qual é o tormento que os abate e os faz chorar tão alto?* E o Mestre respondeu-me: *Fá lo digo: elles não tem a experiencia de morrer e a sua vida obscura é tão baixa que os torna invejosos da sorte alheia. O mundo nem deles se lembra, a misericordia e a justiça desdenham-nos. Não jalemos deles mas olha e passa...*

Preocupa-nos sempre muito dizer a verdade. Por isso não perdemos nunca a oportunidade de a provar quando podemos socorrer nos de argumentos de geral aceitação. Tal é o caso. Apesar da sua retumbância universal conseguirão as tubas dantescas acordar pelo menos os que dormem? Os adormecidos, esses, nem a trombeta do Juizo final será capaz de os despertar da sua sonolência.

O segundo capitulo do nosso tema abrange os que consideram um perigo instruir o povo.

Para elles proprios é na verdade um perigo. Para o povo seria então uma sorte vê-los reduzidos a uma inacção tão absoluta como o seu egoismo.

Vem agora muito a propósito resumir a indignação de uma personagem perante a obra de educação popular empreendida por meia dúzia de carolas ha alguns anos já. A conversa é coeva da obra. Era a Universidade Pular do Algarve, certamente de deficiente organização mas de propositos absolu-

tamente desinteressados e absolutamente humanos. Pois a conspicua figura marcante in-crepava os conferentes com o inacreditavel fundamento: então já se tornava difficil achar um carpinteiro ou um pedreiro, mercadoria que além de rarear muito no mercado, havia enca-ricado fabulosamente. Agora já nenhum quer vir porque alega que está tirando o curso da Universidade.

Terminava dizendo que toda a vida tinha havido analfabetos e que não via a razão de os não haver. Nem todos podiam ser doutores. Evidentemente que tal argumento era irrespon-dível. Quem diz sapateiro, quem diz rolheiro, quem diz pedrei-ro, etc., diz analfabeto. Quere dizer que os officios hão-de ser desempenhados por fôrça por pessoas que não saibam ler nem escrever, porque tais pes-soas, logo que tenham alguma instrução, o que querem é ser nada mais, nada menos que: doutores.

Mas retomemos o sério que o assunto requiere.

Convem apenas dizer à into-lerância dessa classe, de que a personagem indicada é o tipo, e que a diferença que ha entre um operario instruido e um ou-tro que o não seja é facil de verificar perante os dois reuni-dos. Toda a função, por mais simples que seja, é susceptivel de aperfeiçoamento e tal aper-feiçoamento não pode ser con-seguido senão por via da edu-cação que não se entende sen-ção com um trabalho concumi-tante de instrução. Um opera-rio instruido, pode, primeiro, entender o aperfeiçoamento da sua arte e pode aperfeiçoa-la espontaneamente. Só entenden-do a sua arte ele pode identi-ficar-se com ela, amando-a e dignificando-a. E' que não se trata unicamente de trabalhar para ganhar o pão de cada dia. Trata-se tambem de honrar a profissão, exercendo-a o me-lhor possivel, preparando-se necessariamente para a exercer o melhor possivel.

Um operario instruido pou-pa-se mais, porque trabalha mais inteligentemente, sem pro-duzir menos e produzindo me-lhor que um operario analfabe-to. E' nisto que devem meditar os que entendem que é um mal instruir o artefice. Instrui-lo, da instrução geral que todo o individuo deve ter para se in-tegrar dignamente na socieda-de em que vive e poder não só acompanhar a sua evolução, mas concorrer conscientemente para melhorar as condições des-sa evolução.

Essa instrução geral facilita-lhe alem de tudo a instrução profissional que necessariamen-te lhe convem ter.

Quanto mais um individuo se valoriza, tanto mais se valo-riza a sociedade em que ele vive.

DENTINHO JUNIOR

Façam economias

Para comprarem para o dia de Na-tal uma trincheira (Gabardine), uma mala para senhora, uma gravata, uma camisa, um cachecol da moda, um par de polainas, uma gilet, um pull-aver, um par de luvas, um par de galochas, um par de meias, etc., na CASA PORTUGAL. Atendem-se pe-los pedidos pelo telefone.

A divindade da arte

No esforço sacrificial de ada-ptação dos seres á vida, vêm as almas, desde a aurora dos tempos, creando novas orações de paz e amôr de cada vez que o embate com a dôr é uma nova ânsia de um superior ideal de entendimento.

A dôr sublima o amôr, como a loucura sublima o génio.

A loucura é a dôr de amar, o génio a compreensão simpá-tica da dôr: e munhão da tortura de Dostoievsky feita son-dagem profunda da vida que nos revela, um pouco como a prova de miséria a que foi pos-to Zola com dois sous de queijo por dia em Paris, para nos dar em troca o vasto ideal social da sua obra, ou como a vida de duras provas de um Rous-seau vagabundo, esfomeado e sem officio certo, a quem a pe-dagogia moderna havia de de-ver o conhecimento da alma da criança, a arte, a reno-vação do sentimento da na-tureza, e os estados modernos, a fórmula do seu equilibrio poli-tico.

Assim, a adaptação, para além de uma chamada feli-cidade, parada, é pelo contrário a permanente insatisfação numa luta progressiva de que se colhem frutos proporcionalmente ao doloroso esforço nela dis-pendido. Com que fim?

Para Maeterlink a humani-dade prefero buscar uma luz que mal divisa ao longe, a viver com a mesma sempre, que, continuamente, seria escuri-dão.

Onde está a ultima luz do anseio humano?

Na ultima fase do Amôr.

A adaptação é então o cam-inho para Deus, ao mesmo tempo que a uma perfeita e an orosa adaptação das almas, se interpõe, na aparência em contradição, o proprio amôr, como Camões o soube vivida-mente dizer nos Sonetos: a re-ciproca incompreensão das al-mas que desejariam amar-se.

Da ferida do desacôrdo reza logo a divina arte, rosário de lágrimas do artista que mergulhou a prumo na onda da fata-lidade: Camões no Adamastor é a consciência da raça feita divina arte na consciência do poeta: por libertar a civilização occidental da fatalidade mon-struosa da Dôr do Cabo Tormentoso.

Assim, a arte é o fundo me-lhor da vida, é o fundo moral social das civilizações que de-vem a sua vida a uma cultura, e encerra a propria substância íntima das religiões pelo seu chamado poder de expressão de simpatia social que tenderia para a resolução do abraço ao seio da Unidade divina.

Já não é então a búdica sub-missão do homem perante a vi-da e a natureza, mas, para além do sentimento religioso das la-mentações de Job, faz-se 'cria-ção de beleza em termos desse mesmo sentimento da dôr, que, pela repercussão emotiva nas almas que sofrem, é gostada como arte, não sendo já passi-vidade resignada, mas afirma-ção estoica do homem que Es-quithe nos revelou em Prometeu.

E a historia da civilização humana é na sua melhor parte

Magalhães Lima

Grande poder é esse da Morte que conseguiu, não sem demora-da lucta—é certo—arrancar-nos essa formidavel organização hu-mana que era todo o orgulho de uma Republica, patriarca duma geração, simbolo da unica supre-macia que a razão admite e con-seguiu perpetuar — a supremacia moral, a supremacia da Beleza.

Em plena adversidade morreu, em plena adversidade o chora-mos.

Se os altos designios do Desti-no quizeram dar-lhe em vida a suprema alegria de ver, em co-meço de efectivação, aquilo que para o seu idolatrado Portugal, toda uma vida sonhou e alicerçou, tambem os mesmos altos Destinos quizeram pôr-lhe, ainda, deante dos olhos o quadro a que todos assistimos, supondo-me li-cito chamar-lhe a suspensão de uma Obra, daquela Obra de Amôr e de elevação moral a que Ma-galhães consagrou o mais admi-ravel conjunto de faculdades que num ser humano possa conce-ber-se.

Não foi, não podia ser, não ha-de ser desperdiçada a evangeli-sação levada a cabo, em sessenta ininterruptos e bem aproveitados anos, pelo Homem que nem a Morte vergou e que se deu inte-iro á Causa da Liberdade.

Foi a ela quã Ele dedicou, ain-da, as suas ultimas frases, o seu canto de cisne.

Pensem-n'Ele e nessas pala-vras de ultima recomendação do Amigo querido que, ao tomar o comboio, nos soube dizer ainda:

—Não te demores que está chovendo...

ARTUR NEVES

a afirmação deste heroismo re-dentôr.

Heroismo para o qual a vida não conta pelo que tem de tran-sitório e sensível, senão que de olhos no Infinito parece com-preender profundamente que cada parcela ou dádiva gene-rosa de sangue se encontra em Deus com o de tôdas as almas para resgate eterno da huma-nidade.

A Arte é assim irmã gêmea da Liberdade, e as taças que ao legado espiritual da humani-dade juntaram a sua acção li-bertária contra o fatalismo na natureza e na vida, têm na sua arte o documento vivo do seu sacrificio humanitário, e foi assim tambem que Hegel pôde chan ar aos Lusíadas, a epe-ia da civilização moderna.

Divina Arte — documento vi-vo da adaptação humana á vi-da terrena como limiar da vida de Além, auto-biografia das al-mas, legado tradicional das ci-vilizações como germen espiri-tual que continua a vida e a guia nas formas intimas que a revelam, apêlo religioso a um mais puro Sol de Amôr e con-córdia, simbolo pre-sentido sob a forma da Beleza de que é á Dôr o caminho do Paraizo...

Faro, Dezembro de 1928.

F. P. DE AZEVEDO

Automoveis NASH

No STAND ALGARVE, da firma Cabeçadas & Santos, Ld.ª, desta cidade, realisoa na quinta feira a apre-sentação oficial nesta provincia dos novos carros «Nash».

QUEM MANDOU MATAR?

Em outro lugar do nosso numero de hoje publicamos um excerpto do livro da senhora Dona Berta Maia sobre o crime que victimou seu ma-rido, o valoroso marinheiro Carlos da Maia, em 19 de Outubro de 1921.

A acusação que nesse excerpto se formula é tremenda. Os crimes do 19 de Outubro precisam de ser es-clarecidos. Como já se disse nestas colunas, muito antes deste livro ter vindo a lume, é preciso que se saiba quem na noite trágica mandou ma-tar. Conveio aos monarchicos cla-mar durante alguns anos que foram republicanos os mandantes. Procla-maram-o aos quatro ventos, fazendo cair sobre a Republica toda a ver-gonha desses crimes.

Protestámos sempre contra essa acusação, por não acreditarmos nun-ca na culpabilidade de republicanos na morte de outros republicanos. Mas, acima de tudo, nós pedimos sempre que se fizesse toda a luz sobre o monstruoso atentado, de mo-do que nenhuma duvida pudesse fi-car no espirito de ninguem. Fosse quem fosse o culpado, republicano ou monarchico, era preciso que sofresse o mais rigoroso castigo do seu crime. A mais elementar justiça assim o ordenava. Exigiam-o o san-gue vertido, as lágrimas choradas, a consciência da Nação ultrajada e o prestigio sem mancha da Republica.

Eis que ao fim de sete anos, a acu-sação tremenda surge. E' o *Dente d'Ouro* que fala; é o assassino que o afirma:

O padre Lima levava-me á Epoca para me darem dinheiro.

Falava-se em vingar a morte de D. Carlos.

Quem foi que mandou matar na noite trágica?

Quem armou o braço do *Dente d'Ouro* e dos seus ajudantes?

A quem se devem os morticínios de 19 de outubro?

O padre Lima levava-me á Epoca para me darem dinheiro.

Falava-se em vingar a morte de D. Carlos.

Foi o assassino que o disse. Foi o *Dente d'Ouro* que o afirmou—o mesmo que matou Carlos da Maia e Machado Santos e conduziu ao Arsenal o dr. Antonio Granjo.

A formidavel acusação aí está. Acaba de ouvi-la todo o país, atra-vés do livro da senhora Dona Berta Maia. Já ninguem a pode abafar na garganta do *Dente d'Ouro*, nem impôr ás creanças religiosas da pobre viuva o segredo da confissão.

Entrou em todos os ouvidos, an-da em todas as bôcas, rebôa como um trovão em todas as consciencias.

A nossa pergunta de hoje é a mesma de ontem e de sempre.

Quem mandou matar?

Não se apurou, ou não se disse, a quando das primeira: investigações, toda a verdade. Nunca é tarde para o fazer. O barbaro crime não pode ficar impune. Cada vez se arrega mais no espirito de toda a gente que os tripulantes da *camionette* não pro-cederam de motu proprio. Foram mandados.

Por quem?

Não é nas colunas da *Voz* que o antigo director da *Epoca* tem de de-pôr. E' no tribunal. E' perante os juizes competentes que tem de de-fender-se das acusações do *Dente d'Ouro*. Em primeiro lugar; antes que organize a sua defeza; antes que prepare a retirada.

Quem dava na *Epoca* o dinheiro ao *Dente d'Ouro*? Com quem era que naquele jornal o Padre Lima se entendia? O que se combinava nes-sas reuniões?

Falava-se em vingar a morte de D. Carlos.

Foi o assassino que o disse.

Porquê?

(D'O Povo)

Ee és republicano, compra, le e propaga este jornal.

A «Ideia Republicana» não é orgão de qualquer partido; pro-põe-se unicamente fazer a propa-ganda das doutrinas republi-canas e cooperar na união de to-dos os republicanos.

NOTICIAS DA "IDEIA"

No rápido de quinta feira chegou a esta cidade o nosso amigo e assinan-te sr. dr. Antonio da Ponte, advoga-do e oficial do Registo Civil em Ou-rique, que com sua ex.ª mte seguiu para S. Braz d'Alportel.

— Vimos nesta cidade o nosso ve-lho amigo e assinante sr. tenente Bri-to Vinhas, comandaute da secção da Guarda Nacional Republicana de Sil-ves.

— Regressou de Lisboa na passa-da quinta feira o distinto fotografo e nosso amigo sr. Correia.

— Esteve nesta cidade o distinto quintanista de medicina e nosso ami-go sr. dr. José Rocheta, que na aca-demia republicana de Lisboa tem um lugar de destaque.

— Vimos em Faro o nosso presa-do assinante sr. dr. João Domingues Medeiros, advogado em Vila Real de Santo Antonio.

— No dia 10 do corrente tomou posse do lugar de Delegado da comarca de Faro o sr. dr. Adelino Pam-plona Côrte Real, que exerceu igual cargo na cidade de Evora.

— Foi a Lisboa na passada sexta feira o nosso amigo e assinante sr. tenente Mario Lôpo do Carmo.

NASCIMENTOS

— Deu á luz uma interessante me-nina a sr.ª D. Ester Bâtista Bento, es-posa do nosso querido amigo e admi-nistrador da «Ideia Republicana» Ma-rio Ribeiro Bento.

Mãe e filha encontram-se bem.

— Tambem a sr.ª D. Maria Julia Galego Samorinha, esposa do nosso amigo e dedicado correligionario João Viegas Samorinha, deu á luz um ro-busto menino.

Quando o rápido de quinta feira chegou a estação de Messines, uma passageira que seguia na segunda classe com destino a Lagos, D. Ma-ria da Assunção Viegas, deu á luz uma interessante criança do sexo te-minino.

Chamado o sr. dr. Mexia, que faz clinica naquêlo povo, foi a parturiente tran-portada para Messines, onde deu á luz uma outra menina.

Mãe e filhas encontram-se bem.

Dr. Joaquim da Ponte

Enterrou-se na passada segunda feira este nosso prezado amigo, an-tigo deputado progressista e gover-nador civil d'este districto.

Era conservador substituto do registo predial, em Loulé, tendo exercido idêntico lugar na comarca de Faro.

A sua morte foi muita sentida. «A Ideia Republicana», que fez re-presentar no funeral, apresenta á família do finado os seus sentimentos de profundo pesar.

Vade reiro...

Esteve em Lisboa, portador dum abraço do dr. H. A., de Faro, para o dr. Ramada Curto o nosso correligionario L. Silva.

(De «O Protesto»)

Já não pode uma pessoa dar a qualquer o seu verso...

ZECA

(De o «Moca...»)

*Já viram o disparate!
Como a reacção me bate
na Imprensa ultramontana
porque fiz uns versinhos
anémicos, coitadinhos
p'ra «Ideia Republicana»?*

*Onde lhes doi bem eu sei:
Pôla lei e pola grei...
Mas perdem o seu latim!
Sou então mulher perdida?
Vão lá governando a vida
e deixem-me cá a mim.*

*Na «Ideia» colaborar
não se pode comparar
á traição dum mizuelista!
(refiro-me a certa pessoa
que manda o Silva a Lisboa
abraçar um socialista)*

*E Zeca, inspirado mestre,
merece uma estatua equestre
p'la defeza magistral:
antes fazer o que eu fiz
do que meter o nariz
no verso de cada qual...*

MINIEM

"A IDEIA REPUBLICANA"

Vende-se em FARO na livraria de A. S. Capela, Rua D. Francisco Gomes, 40 e em OLHÃO na sucursal da mesma livraria, Rua do Comercio, 88, agente de todos os jornaes, excepto do «Diario de Noticias».

Recebem-se assinaturas e anuncios para este semanário.

**Material Electrico
RADIO ALGARVE**

Representantes:
Cabeçadas & Santos, Lda.
FARO

EDITAL

Eu, João Simões Quintas Junior, Engenheiro-chefe da 5.ª Circunscrição Industrial.

Faço saber que a Vacuum Oil Company pretende licença para estabelecer um deposito de gasolina com bomba automedidora para 20 mil litros na Praça D. Francisco Gomes, freguesia da Sé, concelho e districto de Faro.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na tabela I anexa ao regulamento das industrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8364, de 25 de Agosto de 1922, sendo um estabelecimento de 2.ª classe com os inconvenientes de «perigo de incendio», são, por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na 5.ª Circunscrição Industrial, com sede em Faro, rua Conselheiro Bivar, n.º 81-1.º Esq., as suas reclamações contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os desenhos e mais documentos juntos ao processo.

Faro e Secretaria da 5.ª Circunscrição Industrial, 7 de Dezembro de 1928.

O Engenheiro-Chefe,
João Simões Quintas Junior.

EDITAL

Eu, João Simões Quintas Junior, engenheiro-chefe da 5.ª Circunscrição Industrial.

Faço saber que Eurico Ortigão pretende licença para estabelecer uma torrefação e moagem de café na rua de S. Pedro n.º 17, freguesia de S. Pedro, concelho e districto de Faro.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na tabela I anexa ao regulamento das industrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8364, de 25 de Agosto de 1922, sendo um estabelecimento de 2.ª classe com os inconvenientes de cheiro de fumo, são, por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na 5.ª Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua Conselheiro Bivar n.º 81-1.º Esq. as suas reclamações contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os desenhos e mais documentos juntos ao processo.

Faro e Secretaria da 5.ª Circunscrição Industrial, 5 de Dezembro de 1928.

O Engenheiro-Chefe

João Simões Quintas Junior

COMARCA DE FARO**Arrematação**

1.ª publicação

No dia 13 do mês de Janeiro do ano de 1929, pelas 13 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca se ha de arrematar em primeira praça a quem maior lance oferecer acima do valôr da sua avaliação nos autos de execução por divida á Fazenda Nacional em que a mesma é requerente e executado José Inácio ou José Bartolomeu, do sitio da Laranjeira, freguesia de Santa Barbara de Nexe, os seguintes bens pertencentes ao executado:

Uma morada de casas terreas no sitio do Pé do Serro, freguesia de Santa Barbara de Nexe, avaliada em cinco mil escudos.

E por este mesmo anuncio ficam citados quaesquer credores para assistirem, querendo, á arrematação.

O Escrivão do 3.º officio,
Bernardo José Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Francisco Carlos Soares

Automovel Oakland

Reparado de novo e pintado, vende Arthur Henrique Parial — FARO.

Artigos religiosos: o maior sortido

Livraria Internacional
(JUNTO AO CHIADO)

José Gonçalves Lopes
Oficina de Marcenaria

Mobílias em todos os estilos
Fazem-se urnas para revenda
Compram-se moveis usados
Rua do Alportel, 14 a 22 — FARO

SOCIEDADE DE MADEIRAS, LIMITADA
FARO

Madeiras nacionais e estrangeiras
aos melhores preços do mercado
TRAVESSA DA MISERICORDIA, 11

The
GENERAL TIRE

Representantes:

Cabeçadas & Santos, Lda.
FARO

Artigos de escritorio:

Livraria Internacional
(JUNTO AO CHIADO)

Underwood

(MAQUINA DE ESCREVER)

RADIO ALGARVE**LA PILE DE POCHE****ERVIL**

Est la plus recherchée dans le monde entier dû à être la plus économique et la plus durable.

GRANDE EXPOSIÇÃO
DE

chapeus de senhora
NO Salão Chic

O mais luxuoso e elegante da provincia, com todas as comodidades e atractivos, conforto e aprimorado
=: gosto =:

de Adolfo Rodrigues d'Almeida
LARGO DE S. PEDRO
FARO

Quereis andar bem calçado?

Só o calçado ATLAS vos servirá bem, é o unico que se vende mais resistente do que o manual.

Visite o Deposito da Fabrica na Rua D. Francisco Gomes, 28, em Faro

Democratas: assinae e annuciae na "Ideia Republicana"

Samorinha & Samorinha, Ltd.

Deposito de:

Ferragens

E ARTIGOS PARA CONSTRUÇÃO

|| Cimento nacional ||
|| e estrangeiro ||

Aparelhos completos para retretes

MOSAICOS E AZULEJOS

65, Rua do Alportel, 69—FARO



O Pneu do conhecedor e que mais satisfação dá.

Quem quizer rodar com toda a segurança e economia

USE
Pneus Camaras
GOODYEAR

Agencia Exclusiva
em todo o Algarve:

American Stand
DE
Vidal Belmarço
FARO

MERCEARIA ALIANÇA

DE JOSÉ PEDRO DA SILVA

—: FARO :—

O melhor estabelecimento de mercearias desta cidade

Generos de primeira qualidade aos mais baixos preços
Vinhos e licôres das melhores marcas
—: O afamado CAFÉ SILVA —:—

Braziel Limitada

Torrefação e moagem de cafés electro-mecanica

“Café Venceamôr”

de todos o mais saboroso e aromatico

As aquisições dos cafés são objecto da nossa
melhor atenção, por isso

AS NOSSAS MARCAS SÃO AS MAIS PREFERIDAS

Agentes no ALGARVE da acreditada fábrica de perfumaria **CARITA L. DA**

Casa das Manteigas

—: DE :—

Anibal Dias da Silva

RUA DE SANTO ANTONIO — FARO

Generos de mercearia de primeira qualidade,

—: aos melhores preços do mercado —:—

Vinhos, licôres e champagnes das mais acreditadas marcas

Manteigas Burnay-Ilhas e dos melhores fabricantes

Chocolates das mais finas qualidades

As compras neste estabelecimento são mandadas gratuitamente aos domicilios

**Manuel Dias Sancho
Casa Bancaria**

Rua D. Francisco Gomes — FARO

Todas as operações bancarias

Secção Maritima:

Rua de Santo Antonio, 11 e 13

Agentes de varias companhias
de navegação com carreiras
regulares para todos os portos
do NORTE DA EUROPA,
LEVANTE, AFRICA, etc.

O FERRO DE ENGOMAR

**FERRO
DE**

ENGOMAR

Rua Castilho e Travessa Rebelo da Silva
(TRAVESSA QUE FICA DEFRENTE DO CINE-TEATRO)
(Rua de Santo Antonio)

—: FARO :—

CAFÉ CERVEJARIA

ALMOÇOS JANTARES CEIAS (A' LISTA)

ABRE HOJE este novo serviço de Restaurant

DE 8\$00 A 10\$00 ESCUDOS

qualquer pessoa pôde ALMOÇAR ou CEIAR!

Bailes

Todas as segundas e quintas feiras, sabados e domingos (gabinete reservado) se realisam no Salão do «Ferro de Engomar» ANIMADOS BAILES.

Entradas especiais

Aberto todos os dias até ás 2 horas

Papel de cartas alta fantasia:
avulso muito barato

Livraria Internacional

(JUNTO AO CHIADO)

CASA DOS PLISSADOS

RUA SERPA PINTO, 100

—: FARO :—

Fazem-se com perfeição plissados
em fantasia, deitados e em pé

Preços módicos

Envia-se para a provincia á cobrança

Silva Mealha

Medico-Cirurgião

Ex-Internado dos hospitais de Lisboa
Director do Dispensario anti-tuberculoso

Consultas no dispensario das 12 ás 13

Clinica geral e operações

CONSULTORIO:

Praça D. Francisco Gomes, 19-1

MORADA:

Rua Filipe Alistão, 21

— FARO —

Vieira Branco & Teles, L. da

Ferragens, drogas, papelaria
tubagem e torneiras em todos
= os diametros =

LARGO DA PALMEIRA

FARO

JOÃO SOARES VIEGAS

Com casa de pasto

RUA LETES, 29 a 33 — FARO

Bons vinhos e petiscos

Livraria e Papelaria SILVA

Artigos de escritório,
: desenho e pintura :

Enorme sortido de calcomanias

Representante das casas :

KODAK, PATHÉ e AGFA

Revistas e jornais nacionaes

—: e estrangeiros —:—

Rua D. Francisco Gomes — FARO

Grande futuro

FERRENO para construção
vende-se 1000 metros na ave-
nida 5 de Outubro com 32 me-
tros de frente para a avenida,
32 metros para a rua Camilo
Castelo Branco e 32 metros
com frente para o jardim do
sr. Manuel José Nobre.

Para tratar, rua Francisco
Barreto, 25.

Vende-se

UM PREDIO com moradia,
grande quintal e garage, aguas
encanadas, cisterna e dois am-
plos armazens. Boa construção
recente, na estrada de S. Braz.
Tratar na rua Conselheiro
Bivar, n.º 59 — FARO.

?

Vindes a Faro ?

Quereis COMER BEM, COM
ASSEIO E EM CONTA ?

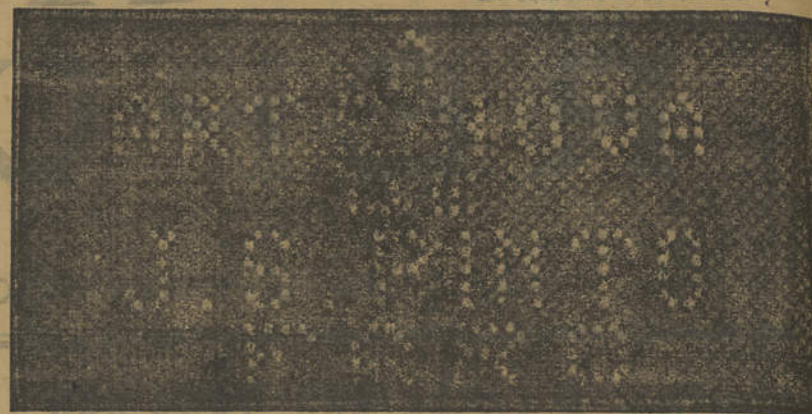
Dirrijam-se ao

Ferro de Engomar

= Rua Castilho =

Travessa Rebelo da Silva
Travessa que fica defrente do Cine-Theatro
(Rua de Santo Antonio)

CAPACHOS E COLCHÕES



Preços sem competencia. | Descontos aos revendedôres

OFICINA DE CANTEIRO E MARMORE

DE Manuel Rodrigues Palaré

CASA FUNDADA EM 1912

Execução de quaisquer obras concernentes a esta arte, tais
como : jazigos, campas, letras em todos os tipos, marmores
polidos, etc. Tambem se encarrega de cantarias para obras e
trabalhos em grosso para pontes, nôras, lagedos, etc.

Trabalho garantido. —: Preços sem competencia

RUA CUNHA MATOS — FARO

**Marques, Vaz Velho
& Caiado, Ltd. da**

Agentes de Navegação

Carreiras regulares de vapôres para
todos os portos do mundo

Telegramas ORAF

Telefones n.º 14

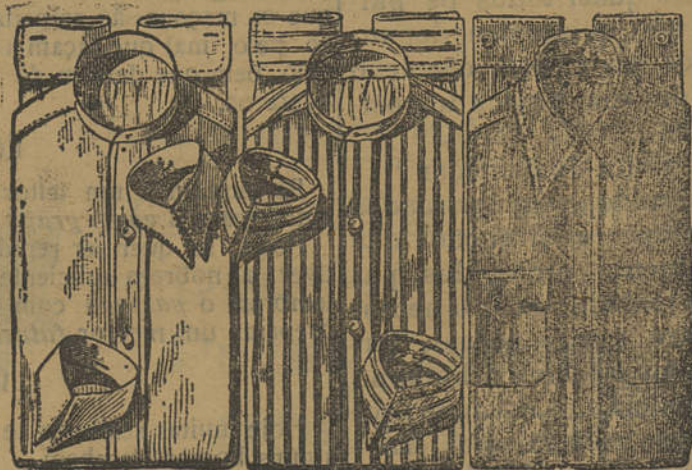
Representantes dos srs.

E. Pinto Bastos & C.ª Ld.ª

Marcus & Harting, Ld.ª, etc.

Enxovaes em 24 horas

Produção (media) 4 camisas por hora (Fabricação mecanica)



Gravataria e artigos de toilette para homem
—: malas e meias para senhora —:—

TELEFONE N.º

MARIO VICENTE ROQUE

CASA PORTUGAL

—: FARO :—

Pedir amostras pelo correio ou telefone.

Este numero foi visado pela comissão de censura